

MISSÃO DE REORGANIZAR UMA COMUNIDADE NO ESQUEMA PAULINO

*Ademir Rubini**

*Ivanir Antônio Rodighero***

*Elizeu Lisbôa Moreira****

Resumo: Viver em comunidade é um dom de Deus conquistado na disposição dos irmãos e irmãs que se abrem à partilha na mesa da Palavra e da Eucaristia. Nessa abertura acontece a acolhida aos mais pobres e necessitados. Deus que se dirige de muitas maneiras aos seus filhos e filhas se faz presente de modo privilegiado na comunidade. O desafio é ser comunidade em meio ao contexto sociocultural em que vivemos marcado pelas características do individualismo. Há, no entanto, muitas comunidades eclesiais, que hoje se encontram em um necessitado processo de reavivamento. A criatividade do Espírito Santo, através da atuação de uma Igreja em saída, há de fortalecer estas comunidades através de processos formativos e celebrativos, bem como suscitar novas comunidades unidas em torno da bandeira do Reino de Deus.

Palavras-chave: Comunidade. Apóstolo Paulo. Missão. Formação. Lideranças.

1 Considerações iniciais

Este trabalho, caracteriza-se como relato de uma experiência pastoral numa comunidade periférica e tem por finalidade analisar o modo como esta está retomando sua caminhada. A

* Doutor em Teologia. Área de concentração: Bíblia, pela Escola Superior de Teologia – São Leopoldo/RS. Presbítero da Diocese de Chapecó/SC. Professor da Itepa Faculdades na disciplina de Cartas Paulinas.

** Mestre em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção de São Paulo. Diretor e professor da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades. Presbítero da Arquidiocese de Passo Fundo.

*** Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades e Bacharel em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier – Ifibe em Passo Fundo/RS.

partir disso, pretende-se fazer paralelos com alguns aspectos paulinos expressos nas cartas autênticas de Paulo e da tradição posterior como dos Atos dos Apóstolos quanto ao modo de ser e de se organizar em comunidade. Ao perscrutarmos os aspectos socioculturais, econômicos e religiosos do tempo em que se vive, nota-se um determinado “esfriamento”. Da mesma maneira, pergunta-se como reagrupar as forças e encontrar novas lideranças para reavivar e alimentar a comunhão e a participação. E nisso, um desafio é refletir acerca da mística e da espiritualidade, bem como da formação que precisa ser fomentada a quem faz parte de uma comunidade de fé ativa, não somente das lideranças, mas de todos seus participantes.

2 Situando a comunidade São Francisco de Sales

A comunidade São Francisco de Sales está localizada numa região periférica da cidade de Passo Fundo. O bairro tem uma formação recente, em torno de vinte anos. Com objetivo de realocar famílias que procederam de regiões de maior vulnerabilidade, muitas residências foram construídas com recursos de programas municipais.

Quando não havia comunidade eclesial formada, a participação nas missas ocorria em uma comunidade próxima. A comunidade São Francisco de Sales iniciou com a missa e a catequese nas casas, nos anos 2000. Havia a presença e residência dos religiosos Oblatos de São Francisco de Sales. Isso porque perto dali estava o Seminário desta congregação. De tal maneira, pelo que se ouve através dos relatos, a comunidade sentia-se animada pela presença dos religiosos. Com o tempo, uma senhora participante da comunidade decidiu doar parte de um terreno para a construção de uma Igreja. Um senhor também doou parte de um terreno, mas com uma condição, a Igreja seria construída por ele com os materiais provenientes de uma casa que ele havia desconstruído. Os integrantes da

comunidade queriam que a Igreja fosse construída junto à rua e ele, por sua vez, quis construí-la nos fundos do terreno.

Mais tarde começaram roubos de objetos básicos da estrutura da Igreja, por exemplo, porta, janelas, fios e canos. E não se podia fazer nada. A estrutura ameaçava ruir e, então, o pároco na época decidiu derrubá-la para que não causasse risco às pessoas. Novamente tudo voltou como antes e, hoje, a comunidade não mais usufrui de um espaço próprio para suas reuniões. Diante desse contexto, com um grupo reduzido foram retomados os encontros, as celebrações e catequese no ambiente domiciliar. Quando me inseri na comunidade já haviam passado cinco meses desta realidade. Ou seja, essa foi a situação em que encontrei a comunidade.

3 Os primeiros passos de retomada da comunidade

Iniciei meu estágio pastoral nessa comunidade no início do ano de 2018. Na retomada encontrei as lideranças desanimadas, divididas e sem perspectivas. Tornava-se necessário “reavivar o dom de Deus” (2Tm 1,6). Iniciei fazendo visitas e, no primeiro dia, já foi realizada uma celebração. O combinado foi de que em três sábados no mês se faria uma celebração da Palavra e num sábado, missa. Fiz algumas visitas acompanhado por lideranças da comunidade. Contudo, diante das dificuldades destas pessoas prossegui sozinho. Contava, porém, com indicações das pessoas eu visitava. Nessas visitas se fazia a oração e bênção da casa. O ambiente familiar é um espaço propício para conhecer e compartilhar da realidade das famílias, ouvir um trecho da Palavra de Deus, rezar reavivando o seguimento a Jesus Cristo. Em uma dessas visitas conheci uma família na qual um menino precisava iniciar a catequese. Por sorte, sua irmã havia sido crismada num tempo recente e dispôs-se a ajudá-lo. Fizemos um levantamento e convidamos mais crianças. No princípio elencamos seis, porém somente duas iniciaram o

processo.

Nas visitas às famílias, compartilham-se experiências de vida, colocando-as nas mãos do bom Deus. Cada família tem sua história, alegrias e dificuldades que junto são vivenciadas. A época em que vivemos conflitua-se com experiências anteriores e com as projeções para o futuro. Há muitos que não apostavam na família e em seu comprometimento. Na sociedade consumista regida pelo mercado, o protótipo para a família feliz é aquele que desfruta de todas as mordomias e luxos da modernidade.

O fenômeno da globalização parece dar a impressão de que até as camadas sociais que usufruem de poder aquisitivo mais baixo buscam igualar-se ao modo de vida dos abastados, mesmo que essa “igualdade” signifique apenas ir ao Shopping ou outros grandes centros e consumir produtos de marca. Nisso, são escondidas sob o verniz da globalização gritantes desigualdades. Devido a busca desenfreada pela realização e satisfação pessoal, a dimensão ética e moral da sociedade e da Igreja fica relegada ao segundo plano. A falta de interesse em vínculos comunitários em grande parte origina-se dessa problemática.

4 A experiência do apóstolo Paulo: impulso para sua missão

Vale recordar o que escreveu o papa emérito Bento XVI na Encíclica *Deus Caritas est*, n.1 “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”.

Saulo, o perseguidor, no caminho de Damasco (At 9,1-19; 22,4-16; 26,9-18) teve uma experiência que deu rumo diferente à sua história. Em sua queda (At 9,4; 22,7; 26,14), ficou sem defesa. Quando uma grande luz o envolveu (At 9,3), Saulo ficou cego por três dias. Quem era o líder precisou ser

conduzido pela mão (At 9,8). Abriu-se então um caminho à sua conversão, para entregar-se ao Senhor por inteiro! Em Paulo, “a experiência do Jesus Cristo ressuscitado, feita perto de Damasco, o levou a uma nova interpretação de Deus, do mundo e da existência, e uma interpretação que o levou a uma orientação de vida radicalmente modificada”¹. O fiel observador da Lei (Fl 3,6; At 22,3), zeloso pelas tradições paternas (Gl 1,14)², fez a experiência da gratuidade de modo que não mais colocou sua segurança na observância da lei, mas no amor de Deus por ele (Gl 2,20-21; Rm 3,21-26). O nascimento em Jesus Cristo na vida de Saulo ou de outra pessoa, promove novas relações:

A vida em Cristo inclui a alegria de comer juntos, o entusiasmo para progredir, o gosto de trabalhar e de aprender, a alegria de servir a quem necessite de nós, o contato com a natureza, o entusiasmo dos projetos comunitários, o prazer de uma sexualidade vivida segundo o Evangelho, e todas as coisas com as quais o Pai nos presenteia como sinais de seu sincero amor (DAP 356).

Saulo precisou passar pelo que chamaríamos de catequese de iniciação à Vida Cristã. Segundo Mesters, a experiência que Paulo fez de Jesus foi processual e contou com a ajuda de pessoas bem concretas: Estevão (At 7,55-60), Ananias (At 9,17), Barnabé (At 9,27; 11,25; 13,2; 1Cor 9,6), Eunice e Lóide (2Tm 1,5), Timóteo (Rm 16,21; 1Ts 3,2,6; 1Cor 16,10; 1Tm 1,2), Pedro, Tiago e João (Gl 2,9), Febe, a diaconisa (Rm 16,1), o casal Priscila e Áquila (At 18,2,18; Rm 16,3; 1Cor 16,19), Lídia (At 16,14-15,40) e outros tantos³.

Estando ainda em Damasco Saulo começou a anunciar a Boa Nova e encontrou resistência junto aos judeus. Isso o levou

1 Udo SCHENELLE, *Paulo: vida e pensamento*, p.31.

2 Carlos MESTERS, *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*, p.20.

3 *Ibidem*, p.33.

a fugir para evitar a morte (At 9,20-25). Tendo ido para a Arábia, ficou lá por três anos (Gl 1,17). Segundo o livro dos Atos dos Apóstolos, tendo ido a Jerusalém, a comunidade não o acolheu. Contudo, Barnabé apresentou-o aos apóstolos (At 9,26-28). Em seguida, um novo conflito fez com que saísse de Jerusalém. Foi para Tarso (At 9,29-30). Nove anos depois, Barnabé o chamou para trabalhar em Antioquia, onde judeus e pagãos conviviam em harmonia (At 11,19-26). Dessa forma, Saulo, também chamado Paulo (At 13,9), foi iniciado e preparado para a missão. Percebemos a grande importância de várias pessoas, de comunidades que fizeram parte de sua vida sendo instrumentos de Deus.

5 A inserção e organização de Paulo

Não raro ao falar em evangelização, em Igreja viva, se pensa em grandes multidões. Deveras, multidões procuravam Jesus. Mas ele também fazia questão de dar atenção especial a cada pessoa em particular, por exemplo, nas visitas. Ele não se desligava deste aspecto. Poderíamos dizer que o Apóstolo Paulo seguiu esta linha. A Igreja nascente é *domus ecclesiae* (Igreja nas casas). Ele visitava, ficava algum tempo no lugar e constituía comunidade. Feito isso, partia para fundar outra comunidade. Tempos depois visitava a comunidade por ele fundada.

Chama a atenção a inserção de Paulo nas realidades. Ele era um trabalhador que não buscava ser peso para ninguém (1Cor 4,12; 1Ts 2,9b). Na concepção da época, o ideal de realização era não fazer trabalho braçal. Isso era encargo dos escravos, aos homens livres só cabia filosofar, meditar ou fazer pregações. Paulo quebrou esse modelo. Assim ele ajudou a resgatar a dignidade do trabalho, mesmo que lhe fosse possível viver de doações, uma vez que “o operário é digno de seu salário” (1Tm 5,18b). Contudo, ele preferiu outro caminho, mesmo que isso o levasse a viver com dureza a combinação entre pregar e o

tempo de trabalho para a sobrevivência.

Tudo poderia convergir a que Paulo fosse um homem que ia se dar bem no mundo greco-romano. Nascido na metrópole de Tarso, com escolas filosóficas, mercados de escravos, festivais de cultura e esporte, ele era assim um homem de cultura urbana⁴. Mesmo que fosse perito e observador fiel das leis judaicas, conhecedor das culturas, Paulo compreendeu que sua vida foi transformada não por seus próprios méritos, mas pela graça. O conhecimento que ele possuía, inclusive da Filosofia, ajudou-o no processo de evangelização. O que antes era usado para a promoção da perseguição e morte, agora o é para a liberdade (Gl 5,1). A sua vida foi ressignificada, ele não perdeu sua identidade de judeu, ao contrário, agora conseguiu ver em Cristo a realização das promessas.

Por ocasião da primeira viagem, Paulo não se deteve por muito tempo em um mesmo lugar, mas, seguia de cidade em cidade criando comunidades. A partir da segunda viagem, ele retornava às comunidades, fundadas por ele e sua equipe missionária e, ao mesmo tempo, continuava anunciando em outras cidades e criando novas comunidades, contudo, permanecendo mais tempo em cada uma delas. Em Corinto ficou “um ano e seis meses” (At 18,11). A terceira viagem foi bem diversa da primeira, pois foi direto para Éfeso (At 19,1.8-

4 Profundamente marcado pela cultura urbana, a linguagem de Paulo expressava-a: “Ele fala, por exemplo do arquiteto (1Cor 3,10-17), dos espetáculos nas arenas (4,9; compare com 2Cor 4,8-10), do pedagogo (1Cor 4,15), da compra (resgate) de escravos no mercado (1Cor 6,20; 7,23; Gl 3,13; 4,5; Rm 3,24). Em seus escritos estão presentes as competições esportivas, elemento bastante estranho à cultura judaica da época (atletismo: 1Cor 9,24-27; Fl 3,13-14; 2Tm 4,7; pugilato: 1Cor 9,26b). Toma como comparação o soldado (armado: Ef 6,10-17; vencedor 2Tm 4,7); fala dos instrumentos musicais (1Cor 14,7-8); conhece a parada militar dos generais vencedores e sabe que o povo a aprecia (2Cor 2,14-16). Toma como exemplo as “colunas” de feitos memoráveis dos chefes de Estado para falar dos próprios “feitos” dos quais se orgulha (2Cor 11,23-28; compare com a Coluna de Trajano no centro histórico de Roma” (José BORTOLINI, *Libertar Paulo! Vida pastoral*, ano 49 - n.260, p.7).

10), fixando-se lá por três anos (At 20,3). Desta forma, o método é outro: irradiar a Boa Nova desde um lugar de referência (At 19,10.26), de maneira que as viagens serviam para visitar e confirmar as comunidades já existentes (At 18,23; 20,2). Existia uma opção consciente que fundamentava todo este trabalho:

Quanto a mim, foi através da Lei que eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Fui morto na cruz com Cristo. Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. E esta vida que agora vivo, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim (Gl 2,19-20).

O apóstolo Paulo prezava pela ajuda de colaboradores. Alguns destes encontram-se citados em Atos e nas cartas. Pode-se dizer que

Paulo deve ser visto como alguém que soube coordenar energias e talentos, mesmo quando estava preso (cf., por exemplo, a carta aos Filipenses; 2Tm 2,9). E nessa tarefa, as mulheres não estavam ausentes. O texto mais eloquente nesse sentido é Rm 16. Aí são citadas 11 mulheres, das quais Paulo reconhece o esforço e a dedicação⁵.

Paulo, buscando animar e confirmar as comunidades, motivava que as mesmas superassem o isolamento, percebendo a ligação que tinham com as demais comunidades. As seguidas viagens a Jerusalém, o envio de mensageiros (Cl 4,10; 1Cor 1,11; 16,10.12.17-18; 1Ts 3,2.6), cartas e a coleta (2Cor 8,1-9,15) são maneiras que ajudavam atingir o objetivo de uma Igreja solidária e missionária.

A partir de sua segunda viagem, de modo especial, começou a comunicação por cartas, as quais eram lidas nas reuniões da comunidade (1Ts 5,27), e pedia que também fossem enviadas

5 José BORTOLINI, *Libertar Paulo! Vida pastoral*, ano 49 – n.260, p.10).

para outras comunidades. Além de acompanhar Paulo nas viagens e ajudar na fundação das comunidades, a equipe missionária contribuía na escritura das cartas, completando a evangelização, resolvendo dúvidas e conflitos que surgiam nas comunidades. Segundo Mesters, “quase sempre Paulo escreve as cartas junto com os companheiros de missão. Eles aparecem ao lado dele na saudação inicial e nas lembranças finais. Parece até que discutiam entre si o assunto antes de escrever”⁶.

6 Uma rede de comunidades solidárias

O projeto das comunidades paulinas era promover a reconciliação. Era continuar a obra de Jesus Cristo, que eliminou todas as barreiras. É por isso que, em seu modo de ser, nestas comunidades procurava-se superar qualquer forma de preconceitos discriminatórios, promovendo a acolhida, a unidade e a integração, inclusive quanto a gênero e classe: “de fato, vocês todos são filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo, pois todos vocês, que foram batizados em Cristo, se revestiram de Cristo. Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Jesus Cristo” (Gl 3,26-28; Rm 10,12; 1Cor 12,13). Cada comunidade se reunia em uma casa, ao redor de uma mesa, onde o pão era partilhado com todas as pessoas, quem tinha trazia para partilhar e quem não tinha vinha para receber pão com dignidade. E Paulo não tolerava qualquer discriminação na Ceia do Senhor (1Cor 11,17-34). A discriminação era um escândalo, “fazem mais mal do que bem” (1Cor 11,17). A ceia era o maior reflexo da prática da igualdade, da solidariedade. Era o Reino já presente no meio do povo. Era o projeto de Deus em sua concretude para toda sociedade.

Nas viagens missionárias promovidas pelas comunidades,

6 Carlos MESTERS, *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*, p.42-43.

ficam evidentes outros aspectos da estratégia pastoral de Paulo e de seus colaboradores e colaboradoras. Sua intenção era de fundar comunidades nos grandes centros urbanos do mundo greco-romano. Desse modo, Paulo não tinha em vista de imediato as cidades menores e as aldeias do interior. O anúncio da Boa Nova nesses lugares seria tarefa das comunidades fundadas nas cidades mais importantes. A estratégia da equipe de Antioquia, portanto, era atingir os grandes centros. Estes se encarregariam de levar a missão às cidades menores e aldeias no seu entorno, constituindo uma rede de comunidades interligadas (1Ts 1,7-8). Em boa medida, essa estratégia se deve à compreensão escatológica de Paulo. Como ele imaginava que a irrupção do Reino definitivo estava próxima, era necessária muita pressa em anunciar a Boa Nova no maior número de cidades possível (1Ts 4,13-5,11).

Por um lado, Paulo investia na organização de comunidades que viviam unidas por fortes laços de comunhão e de solidariedade. A celebração da ceia do Senhor (1Cor 11,17-34) era o fundamento ético para o comportamento cristão. Celebrar a ceia implicava na vida e vice-versa. Nas palavras de Boring: “A ética cristã não é uma questão de obedecer regras, mas de fazer a vontade de Deus. Esta é uma questão de discernimento permanente de caso para caso, e não prescrições que podem ser conhecidas com antecedência”⁷. Por isso junto com o batismo (1Cor 12,13; Gl 3,27-28), a ceia do Senhor era o maior gesto visível da pertença à comunidade.

Por outro lado, Paulo também investia na rede de pequenas comunidades fraternas, solidárias, experimentando novas relações (Gl 3,28) e novos valores (Gl 5,22-23), superando os antivalores que escravizavam (Gl 5,19-21; Rm 1,28-32; 1Cor 6,9-11). Apresenta o projeto de Jesus livre do legalismo. A verdade da Boa Nova por ele anunciada consistia

7 M. Eugene BORING, *Questões introdutórias do novo testamento e escritos paulinos*, p.515.

essencialmente em uma nova prática. É a comunhão de mesa. Nas *igrejas domésticas*, não havia espaço para discriminações. Ao redor da mesa da comunidade, viviam-se a igualdade e a partilha. Segundo o costume dos judeus, não era permitido tomar refeições com os gentios, para não haver contaminação com aqueles que eram considerados impuros (At 11,3; Gl 2,12). Dessa forma, essa nova prática denunciava e subvertia o sistema das cidades greco-romanas que estavam organizadas sobre a exploração dos mais pobres e tendo como primeiro objetivo acumular riquezas para poucos.

Nessa prática sem discriminações, revelava-se a essência do projeto missionário de Paulo. Por um lado, está a opção pelas nações, “pois fomos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres” (1Cor 12,13). Por outro, não há mais privilégios para ninguém, uma vez que a nova justiça de Deus acolhe gratuitamente e sem exclusão. Deus nos acolhe sem condições prévias porque nos ama incondicionalmente.

Se as *casas* ocupavam um lugar especial na organização de comunidades cristãs em geral, então convém frisar que, na estratégia paulina, a organização de *igrejas domésticas* desempenhava um papel ainda maior. Neste sentido destacaram-se as comunidades nas casas de Priscila e Áquila, tanto em Éfeso (1Cor 16,19) como em Roma (Rm 16,5). Pode-se ainda conferir a existência de comunidades nas casas de Filólogo, Júlia, Nereu e sua irmã (Rm 16,15), de Filemon e Ápia (Fm 2), de Ninfa (Cl 4,15) e de Lídia (At 16,15.40). Essa forma de ser Igreja era essencial, juntamente com a mesa da partilha que acontecia nessas casas. Certamente elas também se tornavam uma espécie de lar para quem não tinha casa para viver dignamente.

A crença de Paulo que fundamentava essa prática de superação de todas as divisões, dentro e fora da comunidade, é sua fé monoteísta, sua fé na unicidade de Deus, na unicidade do

senhorio de Jesus e na unidade do seu corpo. O monoteísmo tem na sua base o princípio ético da igualdade entre todos os povos, entre todas as pessoas.

Depois de fundadas as *igrejas domésticas*, Paulo e sua equipe seguiam em missão para outras cidades aonde a Boa Nova ainda não havia chegado. Quando podia, visitava pessoalmente as comunidades que fundara. Ou então, enviava colaboradores seus, a fim de completar o anúncio do Evangelho da liberdade.

As cartas que Paulo enviava para as comunidades eram frequentes. Como vimos, essas cartas eram copiadas e serviam também para serem lidas em outras comunidades. Dessa forma, passando de mão em mão, chegaram até nós. Nelas, Paulo recuperava os fundamentos da fé e procurava refletir sobre temas e problemas em relação às comunidades, tais como: o modo de proceder como cristãos (Rm 12,1-15,13), formação de grupinhos (1Cor 3), desequilíbrios afetivos (1Cor 5), processos contra irmãos na fé (6,1-11), sobre o uso do corpo (6,12-20), acerca do casamento (7,1-40), relacionamento entre cristãos e pagãos (8.1-11,1), sobre as mulheres na Igreja (11,2-16), problemas na mesa da Ceia do Senhor (11,17-34), sobre os dons do Espírito Santo (1Cor 11-14), acerca da ressurreição de Cristo (1Cor 15), relacionamentos na família (Ef 5,21-6,9), a vinda do Senhor Jesus Cristo (1Ts 4,13-5,11), trabalhar e fazer o bem (2Ts 3,16-17), os falsos ensinamentos e a verdadeira riqueza (1Tm 6,2b-10).

7 As comunidades como corpo de Cristo exercem o poder serviço

Embora se diga no livro de Atos que Paulo estabelecia *presbíteros* (anciãos) nas comunidades que fundava (At 14,23; 20,17), nenhuma vez aparece essa função de liderança nas suas cartas autênticas (Rm, 1-2Cor, Gl, Fl, 1Ts e Fm). Atos foi escrito nos anos 85-90, quando já estava em andamento uma

lenta institucionalização das comunidades de herança paulina. No entanto, certamente já havia, nos tempos de Paulo, a função de presbítero nas comunidades cristãs de origem judaica na Judeia (At 11,30; 15,2.4.6.22.23; 16,4).

A proposta paulina de vivência comunitária estava baseada no coletivo, no serviço à comunidade. Não é por acaso que Paulo insistia em descrever as comunidades como corpo, isto é, onde todos os seus membros são interdependentes. É mais. A comunidade mesma era a presença de Jesus Cristo, pois ela era seu corpo. Todos os seus membros participam do corpo de Cristo pelo batismo (1Cor 12,13; Gl 3,27-28) e pela ceia eucarística (1Cor 10,16-17; 11,17-34). Nenhum deles pode querer se sobrepor a outros. Por um lado, Paulo valorizava o pluralismo, a diversidade de funções na comunidade unida. Por outro, ele também queria mostrar que a organização na comunidade deve ter como princípio o exercício de poderes compartilhados, sem hierarquia ou centralização (Rm 12,3-8; 1Cor 12,12-28). Nessa perspectiva, as diferenças são entendidas, acolhidas ou ressignificadas. O que não pode haver em uma comunidade são as desigualdades.

Como pôde-se perceber ao ler os textos citados, Paulo prefere chamar as lideranças de suas comunidades de apóstolos, de profetas, de encarregados da assistência, do governo, etc. Mais do que ser donos das comunidades (1Cor 1,12), são as lideranças que pertencem às comunidades (1Cor 3,22-23). Sua função é assumir a *diaconia* (serviço) de Deus e das comunidades (1 Cor 3,5; cf. Rm 16,1), ser colaboradores e colaboradoras de Deus (1Cor 3,9), a serviço de Cristo e na administração dos mistérios de Deus (1Cor 4,1). Paulo entendia o exercício do poder como *diaconia*, como *ministério*, como *serviço*.

Fl 1,1 e Rm 16,1 revelam que o cargo de *diácono* e *diaconisa* era reconhecido por Paulo. Em Fl 1,1, a palavra está no plural, dando a entender que era toda uma equipe de diaconia. Tinham também o encargo do anúncio da Palavra, mas

sobretudo do atendimento das necessidades materiais das comunidades. Em Rm 16,1-2, Paulo nos informa que Febe exercia esse ministério. Ela era diaconisa e protetora, isto é, ajudava as comunidades. Foi ela quem levou a carta aos romanos, onde iria preparar a viagem missionária que Paulo pretendia fazer à Espanha (Rm 15,24.28).

Em Atos 20,28, Lucas coloca na boca de Paulo o termo *episcopos* (bispos, supervisores, guardiões) para se referir às lideranças da comunidade de Éfeso. Em suas cartas, somente as lideranças das comunidades de Filipos são chamadas de bispos junto com os diáconos (Fl 1,1). Como em Atos, também aqui a palavra está no plural, sugerindo uma equipe de pessoas encarregadas pela supervisão, pelo bom funcionamento das comunidades.

Os evangelhos sinóticos (Mt, Mc e Lc) e Atos dos Apóstolos reservam o título de *apóstolo* (enviado) aos Doze. No entanto, Paulo em suas cartas atribui esse título para si (Rm 1,1; 1Cor 1,1; 2Cor 1,1...). E mais, ele amplia o círculo de pessoas a quem reconhece esse ministério. Andrônico é chamado de apóstolo. E Júnia é apóstola eminente convertida a Jesus antes mesmo da conversão de Paulo (Rm 16,7).

O que nos chama a atenção, ao analisar a organização das comunidades paulinas, é que Paulo insiste no exercício do poder-serviço, valorizando todas as funções, sem discriminar nenhuma. Aliás, as mais insignificantes, muitas vezes, são as mais necessárias (1Cor 12,22). Em todas as funções, podemos encontrar tanto homens como mulheres exercendo o episcopado, o apostolado e o diaconato (Fl 1,1; Rm 16,1.7). Além disso, ainda não havia a hierarquização dos diferentes ministérios. Esse processo surgirá aos poucos nas comunidades no período da segunda geração de cristãos, isto é, a partir dos anos 70, estabelecendo-se com mais força já na terceira geração, a partir do ano 100, como atestam as cartas a Timóteo e a Tito.

Paulo mantém uma autoridade sobre as comunidades que fundou, porém, como a de um pai e de uma mãe para com seus filhos (1Ts 2,5-12; 1Cor 4,15; Gl 4,19). Depois de organizada a comunidade, era uma autoridade exercida à distância, uma vez que não está presente no dia-a-dia das comunidades. Para a vida cotidiana, confia no dinamismo do Espírito. É dele a missão de manter a unidade (1Cor 12,13). Pois, “ao dizer que o corpo é um templo e que o espírito de Deus habita nele, Paulo transfere a presença de Deus do templo físico, o centro de pureza, para os fiéis para a comunidade à qual eles pertencem”⁸.

Será que, em certos meios, ainda hoje Paulo continua sofrendo alguma dose de marginalização pelo fato de ter confiado muito no Espírito Santo como a autoridade máxima nas comunidades? Ou por reconhecer cargos oficiais tanto em homens quanto em mulheres? Ou por valorizar o exercício de muitos dons nas comunidades, sem organizar uma hierarquia? Ou ainda pelo fato de ter promovido a unidade mais pelo Espírito do que pelo poder centralizado, por doutrinas ou ritos litúrgicos unificados?

8 Perspectivas para a evangelização nas pequenas comunidades de periferia

Destacamos como força motriz para uma Igreja missionária o aspecto formativo. Não só no ato de formar comunidades, mas tendo a preocupação e o cuidado em formá-las em seu cotidiano. Essa era uma constante preocupação de Paulo. Segundo João Batista Libânio, toda formação eclesial apoia-se no tripé básico: palavra de Deus, vida sacramental e prática da caridade⁹.

Vivendo em uma cultura individualista e consumista é

8 Alan F. SEGAL, *Paulo, o convertido*, p.272.

9 João Batista LIBÂNIO, Formação dos discípulos missionários. In: *Vida Pastoral* – maio-junho 2008 – ano 49 – n.261, p.29.

preciso apostar em um trabalho onde as pessoas possam compartilhar mais de si, tendo como meta em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça (Mt 6,33). Enquanto a “moda” é cada um para si, comunicando-se de longe como se estivesse perto, investindo na imagem como se fosse o principal, e, vendo o outro ser humano como inimigo, as atitudes de uma comunidade de fé e vida precisam posicionar-se contra a corrente. Das relações intensificadas e celebradas entre os membros de uma comunidade, precisa esta mesma estar integrada com outras comunidades sendo uma nova paróquia toda missionária. No entanto, é preciso considerar que com a crescente urbanização, com destaque ressaltando-se as periferias, a Igreja não tem conseguido acompanhar e se fazer presença satisfatória nestes lugares. Se entrar nestes locais com a mentalidade e com as estruturas tradicionais, será difícil o êxito na missão. O desafio é ser Igreja “em saída”, disposta a encarar as novidades, não levando estruturas prontas, mas em primeiro lugar compartilhando da alegria do Evangelho. É por isso que para cada situação caberá bem o tripé ver, julgar e agir.

Paulo evangelizava desde o mundo urbano, em cidades significativas da época, formando e animando comunidades, que depois irradiavam a Boa Notícia a outras pessoas. O *Documento de Aparecida* traz presente a necessidade de reanimar os processos de formação de pequenas comunidades. Acredita-se que nestas comunidades há uma fonte segura para as diversas vocações a que o Senhor chama: ao sacerdócio, à vida religiosa e à vida leiga de pessoas engajadas no apostolado. E ainda, através de pequenas comunidades se conseguiria chegar ainda mais perto dos afastados, dos indiferentes e aos que estão descontentes ou com ressentimentos da Igreja (DAp 310). Nesse sentido, o *Documento de Aparecida* orienta ainda: “se desejamos pequenas comunidades vivas e dinâmicas, é necessário despertar nelas uma espiritualidade sólida, baseada na Palavra de Deus, que as mantenha em plena comunhão de vida

e ideais com a Igreja local e, em particular, com a comunidade paroquial” (309). Aqui, relembramos a dinâmica de proximidade do Apóstolo Paulo com as comunidades por ele fundadas e as relações das mesmas umas com as outras, com destaque à solidariedade através das coletas.

Nos dias atuais, é preciso em certo sentido, considerar as demandas que surgem através da subjetividade:

ela apresenta muitas e sucessivas mudanças, provocadas por novos conhecimentos e descobrimentos da ciência e da técnica. Assim se desvanece a imagem única do mundo que oferecia orientação para a vida cotidiana. Recai, portanto, sobre o indivíduo toda a responsabilidade de construir sua personalidade e plasmar sua identidade social (DAP 479).

De outra maneira, é preciso cuidado com o aspecto positivo da subjetividade:

a pastoral não pode reduzir-se a serviços individuais e espontâneos, e os cristãos têm a missão de despertar nos homens e nas mulheres o gosto pela partilha de vida e de destino. Um cuidado eficaz nas questões subjetivas das pessoas deve levá-las a descobrir os valores da vida em comum¹⁰.

Diante de uma desafiante realidade que apresenta uma sangria de católicos e a cultura contemporânea sendo hostil aos valores cristãos, “tudo começa com a experiência profunda de encontro pessoal com Jesus Cristo, fonte da verdadeira vida. Daí brota o seguimento, alimentado pela Palavra, pela vida sacramental e pela prática da caridade”¹¹.

A partir da contextualização da comunidade São Francisco de Sales, mas tendo em vista a realidade mais ampla e a

10 Manuel GODOY, Paróquias renovadas à luz de Aparecida, In: *Vida Pastoral*, ano 49 - n.261, p.16.

11 João Batista LIBÂNIO, formação dos discípulos missionários. In: *Vida Pastoral* – maio-junho 2008 – ano 49 – n.261, p.31

perspectiva paulina na fundação e formação das comunidades, elencamos alguns tópicos que podem nos ajudar na reconstrução de uma comunidade. Alguns destes elementos, outros já apareceram no texto. Agora, porém, os colocamos como síntese mais sistemática agregada com outros elementos:

1 – Visitas

a – *ouvir a leitura que as pessoas fazem da realidade local, da comunidade e da sociedade.* Esse é um passo imprescindível, para se formar comunidade e, por consequência, para que os encaminhamentos e decisões sejam compartilhados entre os envolvidos. Diferentemente de outros tempos, em que apenas abrindo as portas da igreja os fiéis vinham até ela, atualmente a Igreja é chamada a sair. Não só abrir as portas do templo, mas as portas do coração. Poder-se-á criar ou fortalecer a pastoral da visitação. Isso porque as visitas são um meio privilegiado para a evangelização. Nelas se pode estabelecer laços, ouvir alegrias e tristezas, rezar juntos, partilhar da Palavra e dar os devidos encaminhamentos. Em fidelidade ao Evangelho, os visitantes precisam dar atenção especial aos sofredores, aos excluídos e marginalizados: doentes, enlutados, prisioneiros, aos mais pobres, os famintos, os sem-chão, os sem-teto e outros tantos. O contato pessoal, feito através das visitas, possibilita, na conversa, na escuta e na oração, que cada pessoa seja o visitador ou o visitado seja evangelizado de modo muito próprio, bem especial.

b – *reavivar a fé e provocar o recomeço da comunidade.* Geralmente uma comunidade que não está ativa, não o é por falta de lideranças, pois sempre há potenciais. São talentos que precisam ser descobertos, sejam pessoas que exerciam liderança e que, por algum motivo, se afastaram do meio eclesial. Sem dúvida, o desafio é o de suscitar novas lideranças.

c – *adesão ao seguimento de Jesus Cristo.* Se faz importante o encontro pessoal e comunitário nas orações e celebrações como

motivação impulsionadora da missão. O seguimento a Jesus Cristo implica em comportar-se no hoje da história como Ele se comportou, assumindo a bandeira do Reino de Deus. É enfrentar as adversidades lutando para que todos tenham vida em abundância (Jo 10,10)¹². A vida em abundância é a busca pela fraternidade vivendo novas relações: o exercício da não violência (Mt 5,9); a luta em favor da justiça (Mt 5,10); a opção pelos pobres e pelas vítimas (Lc 6,20); o cuidado do enfermo e do fraco (Lc 7,21).

2 – Espaço de celebração

a – *reencontro com Jesus Eucarístico*. O encontro com Jesus na Eucaristia é força que alimenta e motiva a comunidade. Em torno da mesa da Eucaristia celebra-se a vida em suas alegrias e esperanças, dores e angústias (GS 1).

b – *reconciliação com os irmãos*. Na comunidade, muitas vezes podem se explicitar desafios na convivência. Afinal, as diferenças existem e são muitas. Mágoas e ressentimentos são força contrária a uma vida de comunhão e participação. Por isso, na comunidade o perdão precisa ser uma prática constante (Mt 18,22). As celebrações e encontros de grupos de famílias, círculos bíblicos, de oração, etc., podem ser meios provocadores para uma abertura sincera ao perdão. A Igreja promove além do sacramento da reconciliação de forma permanente, a preparação para o Natal, a vivência com intensidade do tempo quaresmal até a chegada da Páscoa.

c – *espaço de oração*. Para quem segue a Jesus, a fé se faz oração em perseverança, como na parábola da viúva insistente

12 Nesse sentido, segundo Aparecida, a paróquia é chamada a uma missão especial: “A imensa maioria dos católicos de nosso continente vive sob o flagelo da pobreza. Esta tem diversas expressões: econômica, física, espiritual, moral, etc. Se Jesus veio para que todos tenhamos vida em abundância, a paróquia tem a maravilhosa ocasião de responder às grandes necessidades de nossos povos. Para isso, tem que seguir o caminho de Jesus e ser a boa samaritana como Ele” (DAp 176).

(Lc 18,1-8), “uma fé que se alimenta do desejo da sua vinda. E na prece experimentamos a compaixão de Deus que, como um Pai, vem ao encontro dos seus filhos cheio de amor misericordioso”¹³. A oração é um meio privilegiado de encontro com Deus, na qual o orante tem a oportunidade, não de mudar a maneira do pensar e agir de Deus, mas de, com a graça, bondade e misericórdia dEle, mudar a sua forma de vida.

3 – Processo de formação

a – *conhecer mais a pessoa de Jesus e o ser Igreja*. Há muitos cristãos que depois de uma catequese básica não tiveram mais oportunidade de formação. Por isso, somos desafiados a retornar à vida de Jesus, a ler os Evangelhos outra vez e a reencontrarmos com o Reino de Deus. Mas para que isto aconteça precisamos no aqui e agora recuperar o sentido do que Jesus de Nazaré fez e ensinou, inspirado na centralidade do Reino de Deus.

b – *pensar sobre a missão - fomentar uma consciência missionária*. A Igreja em sua gênese é missionária. A comunidade de fé, esperança e caridade (LG 8) é instrumento eficaz para ajudar nesse processo de encontro com Cristo. Isto porque a missão da Igreja, Corpo de Cristo, é viver e anunciar a alegria do Evangelho. Uma Igreja autocentrada em si mesma não subsiste, enrijece-se.

c – *capacitação para a missão*. A conscientização sobre a missão precisa estar acrescida com uma necessária e bem planejada capacitação de seus agentes. O ambiente massivamente urbano exige renovado ardor missionário. Para tanto, precisamos conhecer sempre mais sobre as cidades. Cada região ou cada bairro pode ter características próprias de modo

13 Papa FRANCISCO, AUDIÊNCIA GERAL, PRAÇA SÃO PEDRO, 25 de maio de 2016. https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papafrancesco_20160525_udienza-generale.html. Acesso 31.12.18.

que os métodos e meios não sejam válidos a todos os espaços.

4 – Organização dos serviços

a – *catequese*. A Igreja abraça agora com mais determinação ainda a Iniciação à Vida Cristã. Busca-se assim superar uma evangelização catequética restrita às crianças. A Iniciação à Vida Cristã é um processo de introdução de cristãos ainda não iniciados, seja qual for sua idade, nos diversos aspectos essenciais da vida cristã na comunhão com Jesus Cristo. Abre-se na perspectiva de fortalecer a fé não só dos que buscam a paróquia, mas também aos que estão além de suas fronteiras. Contudo, “não basta ocupar-se de métodos e temas, é preciso encontrar metodologias e processos que permitam desencadear uma conversão nas pessoas e uma mudança na comunidade” (CC 302).

b – *liturgia*. O *Documento de Aparecida* ressalta quanto a liturgia que, “ao vivê-la, celebrando o mistério pascal, os discípulos de Cristo penetram mais nos mistérios do Reino e expressam de modo sacramental sua vocação de discípulos e missionários” (DAP 250). A liturgia precisa fazer parte do cotidiano das pessoas, não ser somente entendida como a liturgia comunitária, mas que essa expresse uma busca constante no todo da vida do cristão.

c – *pastorais*. Vivemos um tempo de uma presença mais afetiva e efetiva da Igreja em ambientes onde houve um certo afastamento, por exemplo, das periferias, dos trabalhadores e suas organizações, dos movimentos sociais e populares, etc. Por outro lado, pastorais como a pastoral do idoso, da saúde, da visita, pastoral da criança, pastoral carcerária, entre outras, precisam ser fortalecidas. Quando uma pastoral atinge seus objetivos, sua missão está concluída e, assim, já não teria motivos para existir, pois poderia ser como que uma estrutura caduca. Mas de acordo com as exigências e necessidades possam ser criadas sob a guia do Espírito Santo quantas pastorais forem necessárias.

9 Considerações finais

Poderíamos dizer que vivemos um tempo especial, um *kairós*. Este tempo, em termos eclesiais, se faz retomando o que estava “parado”, animando e buscando novos horizontes e utopias, contudo, sem perder o objetivo principal que é o seguimento a Jesus Cristo, na busca pelo Reino de Deus e a sua justiça (Mt 6,33b). O Apóstolo Paulo sabia da importância das comunidades, por isso, incansavelmente buscou fundá-las e dar-lhes formação, orientando-as e cercando-as de cuidado. Apesar dos atuais ventos contrários, apostamos no valor e na importância da comunidade, numa sempre crescente identidade missionária, pois esta é presença e testemunho da vida fraterna. Nosso desejo é que a comunidade seja o meio privilegiado para viver o encontro, a celebração da Palavra e da Eucaristia, a formação e o serviço em favor da vida.

Referências bibliográficas

- A BÍBLIA de Jerusalém: nova edição, revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2015.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas est*. São Paulo: Loyola, 2006.
- BORING, Eugene M. *Questões introdutórias do novo testamento e escritos paulinos*. Santo André/São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2015.
- BORTOLINI, José. Libertar Paulo! *Vida pastoral*. São Paulo: Paulus, Ano 49 n.260, p.6-12, maio/jun 2008.
- CNBB. *Comunidade de Comunidades, uma nova paróquia: A conversão pastoral da paróquia*. Documentos, n.100. Aparecida: Paulinas, 2014.
- CELAM. *Documento de Aparecida: V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. Aparecida: Edições CNBB, 2007.
- DWYER, Jane Elizabeth. Experiências de Eclésia em Corinto. *Estudos Bíblicos*, 83, Petrópolis: Vozes, p.63-68, 2004.
- FABRIS, Rinaldo. *Paulo apóstolo dos gentios*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- FERREIRA, Joel Antônio. O projeto revolucionário de Gálatas 3,26-28. *Ribla*, 50, Petrópolis: Vozes, p.135-140, 2005.

FRANCISCO, Papa. Audiência Geral, Praça São Pedro, 25 de maio de 2016.

https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160525_udienza-generale.html. Acesso 31.12.18.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

GODOY, Manuel. Paróquias renovadas à luz de Aparecida. *Vida pastoral*. São Paulo: Paulus, Ano 49 n. 261, p. 12-19; jul/ago 2008.

GONZAGA, Waldecir. O Evangelho da ternura e a solidariedade de Gl 4,8-20. *Ribla*, 76, São Paulo: Metodista, p.61-86, 2017.

LIBÂNIO, J. Batista. Formação dos discípulos missionários. *Vida pastoral*. São Paulo: Paulus, Ano 49 n. 260, p. página do artigo início e fim, maio-junho 2008.

MESTERS, Carlos. *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1991.

RICHARD, Pablo. A prática de Paulo: suas opções fundamentais. *Ribla*, 20, Petrópolis: Vozes, p.92-104, 1995.

_____. O fundamento material da espiritualidade (Rm 8,1-17 e 1Cor 15,35-58). *Estudos Bíblicos*, 7, Petrópolis: Vozes, p.73-85, 1985.

SCHENELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010.

SEGAL, Alan F. *Paulo, o convertido: Apostolado e apostasia de Saulo fariseu*. São Paulo: Paulus, 2010.